



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS DOM JOSÉ VÁZQUEZ DÍAZ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**IGOR DOS SANTOS ALVES**

**TRAÇOS HUMANIZANTES NA OBRA *O REIZINHO MANDÃO*, DE RUTH ROCHA:  
UMA FUNÇÃO EMANCIPATÓRIA**

**BOM JESUS - PI**

**2025**

IGOR DOS SANTOS ALVES

**TRAÇOS HUMANIZANTES NA OBRA *O REIZINHO MANDÃO*, DE RUTH ROCHA:  
UMA FUNÇÃO EMANCIPATÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português, sob a orientação do Professor Me. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha.

BOM JESUS - PI

2025

A474t Alves, Igor Dos Santos.

Traços Humanizantes na obra O reizinho Mandão, de Ruth Rocha:  
uma função emancipatória. / Igor Dos Santos Alves. - 2025.  
25f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras  
Português, Campus Dom José Vasquez Dias, Bom Jesus - PI, 2025.  
"Orientador: Prof. M<sup>e</sup>. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha".

1. Literatura Infantil. 2. Função Humanizadora. 3. Traços  
Humanizantes. I. Rocha, Dheiky do Rêgo Monteiro. II. Título.

CDD 469.02

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI  
ANA ANGELICA PEREIRA TEIXEIRA (Bibliotecário) CRB-3ª/1217

IGOR DOS SANTOS ALVES

**TRAÇOS HUMANIZANTES NA OBRA *O REIZINHO MANDÃO*, DE RUTH ROCHA:  
UMA FUNÇÃO EMANCIPATÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português, sob a orientação do Professor Me. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Me. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha  
(Presidente)

---

Profa. Dra. Brígida Mônica Alves Silva  
(Primeira Examinadora)

---

Profa. Ma. Thaís Amélia Araújo Rodrigues  
(Segunda Examinadora)

# TRAÇOS HUMANIZANTES NA OBRA *O REIZINHO MANDÃO*, DE RUTH ROCHA: UMA FUNÇÃO EMANCIPATÓRIA

Igor dos Santos Alves

Orientador: Prof. Me. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha

## **Resumo:**

A literatura infantil constitui um instrumento de grande relevância na formação crítica e ética das crianças, favorecendo ao desenvolvimento de valores sociais e emocionais desde a infância. Este artigo tem como objetivo analisar a constituição dos traços humanizantes presentes na obra *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, na perspectiva emancipatória do leitor do gênero de literatura infantil. Para tanto, o método adotado é de abordagem qualitativa, com enfoque na análise interpretativa de caráter bibliográfico e abordagem crítica literária. Para esta pesquisa, são utilizados referenciais teóricos de Candido (2002, 2014) e outros estudiosos que abordam a função humanizadora da literatura; e Coelho (2006), Aguiar (2014) e Andruetto (2012, 2017), especialmente, a respeito da formação do leitor crítico. Os resultados demonstram que a narrativa de Ruth Rocha promove valores como a liberdade de expressão, a reflexão crítica, a empatia e a resistência à opressão, configurando-se como um recurso formativo de grande potência emancipadora. Conclui-se que a obra analisada reafirma o papel da literatura infantil como prática humanizadora e transformadora, sendo essenciais para a formação de sujeitos mais conscientes, sensíveis e socialmente engajados, capazes de reconhecer e enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Função humanizadora. Traços humanizantes. Emancipação do leitor. Ruth Rocha.

## **Abstract:**

Children's literature is an essential tool for the critical and ethical development of children, fostering the construction of social and emotional values from an early age. This article aims to analyze the constitution of humanizing traits in Ruth Rocha's work *O reizinho mandão*, in light of the emancipatory function of children's literature. To this end, the method adopted is a qualitative approach, with a focus on interpretative analysis of a bibliographic nature and a literary critical approach. For this research, theoretical references from Candido (2002, 2014) and other scholars who address the humanizing function of literature are used; and Coelho (2006), Aguiar (2014) and Andruetto (2012, 2017), especially, regarding the formation of the critical reader. The results demonstrate that Rocha's narrative promotes values such as freedom of expression, critical reflection, empathy, and resistance to oppression, establishing itself as a powerful formative and emancipatory resource. It is concluded that the analyzed work reaffirms the role of children's literature as a humanizing and transformative practice, essential for the formation of more conscious, sensitive, and socially engaged individuals, capable of recognizing and confronting the complexities of the contemporary world.

**Keywords:** Children's literature. Humanizing function. Humanizing traits. Reader's emancipation. Ruth Rocha.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta como tema “A função humanizadora como rota para uma leitura da obra *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha”. A presença de traços humanizantes na narrativa literária voltada ao público infantil é fundamental para o desenvolvimento de valores éticos, sociais e emocionais nas crianças. A literatura, ao explorar situações simbólicas que refletem dilemas e virtudes humanas, torna-se um instrumento de formação sensível e crítica. A título de problema da pesquisa, formulamos a seguinte questão central: Quais as características de traços humanizantes que convergem para uma visada emancipatória da leitura na obra *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, segundo a função humanizadora proposta por Antonio Candido (2002, 2014)?

Partindo desse questionamento, elaboramos o seguinte objetivo geral: analisar a constituição dos traços humanizantes presentes na obra *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, na perspectiva emancipatória do leitor do gênero de literatura infantil. Em se tratando dos objetivos específicos, produzimos os seguintes desdobramentos: refletir acerca dos pressupostos teóricos relacionados à função humanizadora na produção de literatura infantil; identificar os traços humanizantes na narrativa *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, elencados por Candido; Caracterizar a função humanizadora, por meio de traços humanizantes, no texto literário *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, no horizonte do direito à literatura infantil.

A escolha de analisar a obra *O reizinho mandão*, de Rocha (2013), a partir da perspectiva da função humanizadora, justifica-se por seu potencial de contribuir para o campo dos estudos literários voltados à literatura infantil. Com uma narrativa que aborda temas como o autoritarismo e a construção de valores éticos de maneira acessível, a obra permite explorar como a literatura pode exercer uma função transformadora no desenvolvimento emocional e intelectual das crianças. Esse estudo insere-se em um contexto teórico relevante, alinhado às discussões de Candido e outros estudiosos que defendem o papel da literatura na formação de sujeitos mais conscientes e críticos. Assim, a pesquisa pretende somar-se aos estudos já realizados, oferecendo uma abordagem direcionada a identificar como os elementos narrativos promovem a reflexão e o desenvolvimento de traços humanizadores.

Do ponto de vista prático e social, a pesquisa visa ressaltar a importância de obras literárias que auxiliem na formação de valores desde a infância, como o respeito ao próximo, a empatia e a justiça. A partir do exemplo de *O reizinho mandão*, pretende-se demonstrar como a narrativa pode contribuir para a construção de visões de mundo que desenvolvem o pensamento crítico e a capacidade de questionar comportamentos autoritários. Ao analisar

como a obra aborda esses temas de forma lúdica, mas significativa, a pesquisa também busca incentivar o uso de textos literários em discussões sobre ética e cidadania, evidenciando assuntos que podem propiciar uma formação leitora de função emancipatória, junto ao público infantil.

Além disso, a pesquisa possui relevância acadêmica, pois contribui para o fortalecimento dos estudos sobre literatura infantil no Brasil, um campo que ainda carece de maior sistematização e aprofundamento teórico. Ao explorar as potencialidades de uma obra amplamente reconhecida no cenário literário nacional, pretende-se valorizar o papel de Ruth Rocha como uma autora que transcende o entretenimento e utiliza a literatura como ferramenta de transformação social. Dessa forma, o estudo também busca evidenciar a relevância de obras como *O reizinho mandão* na formação de leitores mais preparados para enfrentar as questões sociais e políticas do seu tempo, mostrando que a literatura infantil possui um lugar central na apropriação de um envolvimento crítico e humanístico.

Ao apresentarmos uma análise dos elementos humanizadores presentes na obra objeto de estudo, a pesquisa poderá oferecer uma rota de leitura de textos literários que abordem temas fundamentais que representam os traços humanizantes, de maneira apropriada e instigante, contribuindo para a formação de uma geração de leitores mais reflexiva e consciente de seu papel na sociedade.

Para a metodologia desta pesquisa, é adotado o método de abordagem qualitativa, com enfoque na análise interpretativa de caráter bibliográfico. Esse tipo de abordagem é pertinente ao estudo literário proposto, pois permite a exploração detalhada dos aspectos humanizadores da obra *O reizinho mandão* (2013), de Ruth Rocha, em consonância com os pressupostos teóricos sobre a função humanizadora na literatura infantil. O objetivo não é apenas descrever os traços humanizantes na narrativa, mas compreender como eles podem atuar na composição de sentidos do texto e, por conseguinte, na formação de um leitor crítico e, possivelmente, emancipado, conforme as ideias do teórico e crítico literário Candido (2002, 2014).

As fontes de dados são exclusivamente secundárias, abrangendo a obra literária *O reizinho mandão* como o objeto principal de estudo, além de textos teóricos e críticos que embasam a análise, como os estudos de Candido (2002, 2014), principalmente sobre a literatura e a formação do homem e, também, o direito à literatura; as pesquisas de Coelho (2006) e Miguel (2006), a respeito da crítica literária sobre a obra de Ruth Rocha; os estudos de Aguiar (2014) e Andruetto (2012, 2017), acerca da leitura da literatura e suas funções esperadas, entre outros. Também serão consultados artigos acadêmicos, dissertações, livros e capítulos, relacionados à literatura infantil, especialmente os que discutem as dimensões

humanizadoras e emancipatórias desse gênero literário. A seleção das fontes teóricas será realizada a partir de bases acadêmicas como Scielo, Google Acadêmico e outras plataformas confiáveis.

Para a coleta de dados, são identificados e organizados os elementos textuais da obra que ilustram os traços humanizantes, elencados por Candido (2014) na fundamentação teórica, como valores de liberdade, empatia, justiça e resistência à opressão, por exemplo. Para tanto, recorreremos às categorias consideradas por Candido, como já dissemos há pouco, a saber: o *exercício da reflexão*, a *aquisição do saber*, a *boa disposição para com o próximo*, o *afinamento das emoções*, a *capacidade de penetrar nos problemas da vida*, *senso da beleza*, a *percepção da complexidade do mundo e dos seres*, o *cultivo do humor*. Esses elementos serão categorizados em uma matriz de análise que possibilite a sistematização das informações, facilitando a posterior articulação entre os dados e o referencial teórico. A análise será desenvolvida a partir da leitura reflexiva e criteriosa da obra literária, com ênfase nos aspectos narrativos, que envolvem os assuntos de poder e liberdade de expressão, e constituídos pelas interações das personagens, que dialogam com a função humanizadora e emancipatória da literatura.

Os procedimentos de análise de dados seguirão uma abordagem interpretativa, com base no confronto dos dados coletados com os pressupostos teóricos definidos previamente. Não serão realizadas análises quantitativas ou comparativas nessa etapa, já que o foco é construir uma compreensão detalhada da obra a partir do seu potencial de promover reflexões críticas e transformadoras.

Dessa maneira, o presente artigo está estruturado da seguinte forma: esta introdução, da qual se constitui em torno de questões que envolvem o objeto de estudo (*corpus*), inclusive o detalhamento da metodologia da pesquisa; uma fundamentação teórica que discute os conceitos da função humanizadora na literatura infantil, incluindo posicionamentos críticos sobre a obra literária de Ruth Rocha, sendo assim enfatizando a construção do conceito de leitura da literatura como emancipação, que se caracteriza como consequência da sua função humanizadora; em seguida, uma análise dos elementos humanizantes presentes em *O reizinho mandão*, evidenciando como tais traços podem atuar na formação ética e crítica do leitor infantil; por último, são tecidas considerações finais que reafirmam o papel emancipador da literatura, enquanto construção potente de humanização e transformação e, em alguma medida, educativa. Vislumbramos que a dimensão estética da obra literária infantil torna-se um campo fértil de reflexão ética e de cultivo da sensibilidade na formação de homens e mulheres.

## **2 APONTAMENTOS PARA UMA FUNÇÃO HUMANIZADORA NA LITERATURA INFANTIL**

Nesta seção de subsídios teóricos, são discutidos três eixos principais que fundamentam a análise da obra *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, na perspectiva da literatura infantil como ferramenta humanizadora e emancipatória. Primeiramente, será abordado o caráter humanizador da literatura infantil, conforme argumentado por estudiosos como o crítico literário Candido (2002) e o pesquisador da área da literatura infantil Rocha (2023), enfatizando a capacidade da literatura de estimular a empatia e a sensibilidade social nas crianças.

Em seguida, é realizada uma abordagem crítica a respeito da obra infantil de Ruth Rocha, destacando seu papel na renovação da literatura infantil brasileira e sua relevância no desenvolvimento de uma consciência crítica nos jovens leitores. Por fim, a última seção discutirá a leitura da literatura como um exercício emancipatório, apresentando reflexões de autores como Aguiar (2014), Andruetto (2012, 2017), Silva e Rocha (2020), que defendem a literatura como um meio para promover autonomia e questionamento social. A combinação desses tópicos visa proporcionar uma compreensão consubstancial da literatura infantil na formação ética e crítica dos leitores.

### **2.1 O caráter humanizador na literatura infantil: pressupostos teóricos**

Candido (2002) argumenta que a literatura exerce uma função humanizadora essencial, atuando como um elemento formador da consciência crítica e sensível do ser humano. Segundo o autor, a literatura permite ao leitor vivenciar aspectos universais da experiência humana, estimulando reflexões sobre a realidade social e o desenvolvimento de empatia. Em especial, a nosso ver, na literatura infantil, essa função humanizadora contribui para a construção de um senso de justiça e solidariedade nas crianças, promovendo desde cedo uma sensibilidade ética que pode moldar suas percepções de mundo e suas interações com os outros.

De acordo com Candido (2014), a literatura humaniza porque permite ao leitor ter empatia com as experiências e emoções dos outros. Esse espaço simbólico também permite a transformação de suas cognições em relação ao que se consideram traços do real, lidando assim com questões ficcionais e, conseqüentemente, questões reflexivas. O valor dessa

dimensão é muito importante na literatura infantil, pois é vista como uma ocasião para dar aos jovens leitores uma experiência estética que, em troca, expandirá seu mundo e os tornará empáticos. Nesse processo de humanização pensado por Candido (2014), consideramos os seguintes traços humanizantes elencados por ele, que a nosso ver podem exercer uma função emancipatória da leitura da literatura: o *exercício da reflexão*, a *aquisição do saber*, a *boa disposição para com o próximo*, o *afinamento das emoções*, a *capacidade de penetrar nos problemas da vida*, *senso da beleza*, a *percepção da complexidade do mundo e dos seres*, o *cultivo do humor*.

Com base nos escritos de Candido (2002, 2014), embora o autor não apresente definições rígidas para os traços humanizantes que menciona, propomos, a seguir, uma conceituação interpretativa de cada um deles, a nosso entendimento, a partir da perspectiva humanizadora da literatura:

- O *exercício da reflexão*: compreende a capacidade de pensar criticamente sobre as ações humanas representadas no nível narrativo e suas relações com o mundo real.
- A *aquisição do saber*: diz respeito ao enriquecimento do repertório cultural e cognitivo representado na literatura, adquirindo conhecimentos simbólicos, éticos e sociais.
- A *boa disposição para com o próximo*: refere-se à sensibilização para a alteridade e a predisposição empática, apresentadas pelas ações das personagens, encorajando à solidariedade, ao respeito e à convivência pacífica.
- O *afinamento das emoções*: está relacionado à presença da sensibilidade para os sentimentos e emoções na história, permitindo a compreensão das emoções das personagens, o que contribui para uma formação afetiva mais equilibrada.
- A *capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza*: expressa os conflitos humanos representados nas obras e, ao mesmo tempo, reconhece a dimensão estética e ética atravessada pelo olhar mais sensível para a vida.
- A *percepção da complexidade do mundo e dos seres*: refere-se à ampliação da visão crítica diante das múltiplas realidades humanas, possibilitando o reconhecimento do mundo com suas diversidades e contradições.
- O *cultivo do humor*: corresponde à valorização da leveza e da ironia presentes nas narrativas, exercitando uma forma crítica e provocativa de ver o mundo, sem abrir mão da empatia e do respeito.

Esses elementos, em sua totalidade, integram o que Candido considera a dimensão humanizadora da literatura, e, ao serem vivenciados pelo leitor, favorecem sua formação como sujeito ético, crítico e socialmente engajado.

Nessa perspectiva de caráter humanizador, Rocha (2023) pontua que a literatura infantil pode colocar as crianças como sujeitos históricos com um senso de identidade e voz própria. Quando os jovens leitores recebem narrativas que mostram a vida cotidiana e os sonhos de personagens com os quais podem se identificar, isso é uma contribuição para serem críticos e conscientes. Tal visão coloca a literatura como um lugar de libertação, onde as crianças podem não apenas se veem, mas também a personificação de seus problemas e explorações, ao mesmo tempo em que levanta a necessidade de histórias que lidem com a diversidade e defendam a inclusão social.

Rocha (2023) também destaca que a literatura infantil atua como uma ponte entre o universo da fantasia e o mundo real, permitindo que as crianças explorem seu próprio mundo interior e a sociedade ao seu redor. A construção verbal da obra infantil de Ruth Rocha enriquece essa experiência, promovendo a compreensão de questões sociais trazidas à tona, como desigualdade e diversidade, e consequentemente estimulando a formação de uma sensibilidade humanística no leitor. Desse modo, a literatura infantil transcende seu papel de entretenimento para assumir uma função educativa, pela via estética em geral, promovendo o desenvolvimento de leitores críticos e conscientes de seu papel no mundo.

## **2.2 Literatura infantil de Ruth Rocha: um excuro crítico**

A produção literária de Ruth Rocha destaca-se na literatura infantil brasileira pelas características inovadoras e pela capacidade de envolver o leitor infantil em temáticas significativas. A escritora utiliza-se de uma linguagem acessível e ao mesmo tempo sofisticada, promovendo uma experiência de leitura que transcende o simples entretenimento e leva à reflexão. Sua obra tem um papel formador, incentivando o desenvolvimento crítico das crianças em uma época marcada pela efervescência cultural e política dos anos 1970 a 1990, por exemplo (Coelho, 2006). Além disso, Ruth Rocha também se destaca como uma grande adaptadora de clássicos da literatura universal, ampliando o acesso das crianças a obras consagradas da tradição literária.

Ruth Rocha é uma das representantes mais aclamadas do que foi chamado de "Geração de 70" na literatura infantil brasileira. De fato, pode-se dizer que essa geração introduziu uma nova forma em termos de abordagens estéticas e discursivas ao gênero. A

autora pratica uma narrativa que fala sobre questões relativas à infância, ao mesmo tempo em que desafia valores recebidos e defende a independência dos leitores infantis. Isso deveria ser de apoio, então a escrita de Rocha fornece aos leitores potenciais grande exposição a livros de alta qualidade e socialmente envolventes, à medida que um leitor crítico e reflexivo se desenvolve na interação com os textos (Miguel, 2006).

A produção de Ruth Rocha reflete, portanto, uma preocupação estética e ética: oferecer prazer literário junto com mensagens de valores, justiça, igualdade, respeito. De acordo com Coelho (2006), Rocha articula elementos narrativos em seus livros que encenam o envolvimento das crianças com questões sociais, proporcionando uma leitura que pode estimular o pensamento crítico e a formação da cidadania desde a infância.

Além disso, Daibello (2013) destaca o cuidado de Ruth Rocha com a produção gráfica e editorial de suas obras, visando alcançar o público infantil de forma lúdica e visualmente atraente. Esse zelo com a apresentação dos livros demonstra o compromisso da autora com a qualidade da experiência literária completa, desde o conteúdo até a forma, o que reforça sua posição como uma referência na literatura infantil e seu impacto duradouro no público leitor.

Ao analisar a trajetória literária de Ruth Rocha na obra *Antologia Ruth Rocha*, Lajolo (2019) ressalta que a autora foi uma das responsáveis por introduzir uma nova sensibilidade na literatura infantil brasileira, ao abandonar os modelos tradicionais e moralizantes das décadas anteriores. Segundo a estudiosa, Ruth Rocha não escreve para ensinar lições de forma impositiva, mas para provocar a curiosidade e estimular o pensamento autônomo. Em vez de infantilizar o leitor, sua obra reconhece a criança como um sujeito de direitos e de pensamento livre, capaz de compreender e questionar os temas sociais complexos do mundo em que vive.

Lajolo também enfatiza que a linguagem utilizada por Ruth Rocha é um de seus maiores trunfos. Trata-se de uma linguagem que respeita a inteligência infantil, repleta de jogos de palavras, humor sutil e ironia, que ampliam as possibilidades interpretativas do texto. Essa opção estética permite que a autora dialogue tanto com o universo da infância quanto com o da crítica social. A pesquisadora observa que Ruth Rocha articula uma escrita que conjuga liberdade criativa com responsabilidade ética, propondo ao leitor a vivência de experiências estéticas que resultam em aprendizagens significativas sobre convivência, pluralidade, democracia e empatia.

Nesse sentido, é possível afirmar que Ruth Rocha assume uma postura comprometida com a formação integral do leitor, não apenas como receptor de histórias, mas como sujeito em processo de desenvolvimento crítico e sensível. Seus textos escapam da trivialização da literatura infantil e posicionam-se como instrumentos de construção de subjetividades mais

conscientes, humanizadas e preparadas para a convivência social em contextos diversos. A autora contribui, portanto, para o que Candido (2002) considera a verdadeira função da literatura: humanizar o ser humano por meio da ampliação da sensibilidade, da reflexão e da compreensão da complexidade da vida.

Assim, ao integrar prazer estético, criticidade e valorização da infância, Ruth Rocha constrói uma obra que permanece atual, necessária e profundamente formativa. Sua literatura não apenas diverte – ela emancipa. Por isso, ocupa lugar de destaque no debate acadêmico sobre o papel da literatura infantil na formação ética e cidadã das novas gerações.

### **2.3 Leitura da literatura como emancipação**

Aguiar (2014) argumenta que a leitura literária desempenha um papel essencial no desenvolvimento de uma consciência crítica e emancipatória, permitindo que o leitor se reconheça e se transforme através do contato com o texto. Segundo a autora, a leitura é um ato social marcado historicamente e reflete as divergências de interesses e classes dentro da sociedade. Nesse contexto, a literatura promove uma relação entre o leitor e o texto que vai além da decifração de palavras, alcançando uma dimensão de participação ativa onde o leitor pode se tornar um agente de transformação pessoal e social.

Como Andruetto (2012) aponta, a literatura deve ser entendida como uma prática autônoma e emancipatória, libertando-se de exigências puramente pedagógicas ou moralizantes. Em vez disso, esta deve ser uma viagem estética que permita a experiência da alteridade e dos enigmas da vida humana. Conforme a autora mencionada, “a verdadeira literatura ‘não tem adjetivos’” (Andruetto, 2012, p. 15), não é literatura de denominações ou rótulos ou mesmo funções pedagógicas, uma vez que a leitura literária, em si, é um ato de liberdade e imaginação no qual se abrem novos horizontes para questionar e refletir sobre o mundo.

Silva e Rocha (2020) consideram a literatura uma possibilidade geradora de emancipação para os leitores crianças, preferencialmente, nesse caso, persuadidos pelo poder da imaginação, presente na ficção da literatura infantil. As fantasias, como argumentam os autores, servem como o campo imaginário de liberdade e descoberta onde cidadãos críticos são criados. Tal processo de formação do leitor que inclui fantasia e imaginação pressupõe a criação de um sujeito independente e consciente que, no texto literário, encontraria a possibilidade de ampliar sua compreensão da realidade (Silva; Rocha, 2020).

Andruetto (2017) complementa essas ideias ao sugerir que a leitura tem o poder revolucionário de transformar o leitor, não apenas informando, mas também inspirando e desafiando-o a experimentar novas perspectivas. Ela defende que a leitura é uma prática revolucionária que emancipa o sujeito ao permitir-lhe explorar outras realidades e construir sua própria identidade. Esse poder transformador da leitura literária é, portanto, um elemento fundamental para a formação de leitores críticos e comprometidos com a transformação social.

### **3 O REIZINHO MANDÃO, SUAS FORMAS HUMANIZANTES PARA UMA LEITURA EMANCIPATÓRIA**

A obra *O reizinho mandão* (2013), de Ruth Rocha, conta a história de um jovem rei que assume o poder com uma postura autoritária e arbitrária. Em sua ânsia de controlar todos ao seu redor, o reizinho impõe regras absurdas, proibindo as palavras, os gestos de comunicação e, por fim, até mesmo as expressões faciais de seu povo. Esse comportamento despótico cria um ambiente de silêncio e opressão, onde a liberdade é sufocada pela tirania infantil do rei.

A narrativa, porém, ganha novos contornos quando uma jovem do reino, ousando desafiar o autoritarismo do rei, decide lutar pelo direito de expressão. Essa personagem representa a resistência e a coragem de se opor à injustiça, mostrando que a liberdade é um valor fundamental que todos devem defender. O texto literário de Rocha (2013) utiliza-se de uma linguagem simples, acessível e repleta de simbolismo, tornando a história atraente tanto para crianças quanto para adultos, que podem enxergar pensamentos críticos na obra sobre as consequências da opressão e a importância da luta pela liberdade.

A estrutura narrativa de *O reizinho mandão* é construída de forma a permitir que o leitor acompanhe o crescimento do protagonista, desde seu comportamento autoritário até o momento em que ele começa a entender as repercussões de suas ações. A simplicidade dos elementos narrativos e o uso de personagens facilmente identificáveis com arquétipos universais tornam a obra uma poderosa ferramenta de reflexão sobre questões que envolvem poder, resistência e liberdade.

Essa história é um exemplo clássico da literatura infantil comprometida com a formação ética e crítica do leitor, pois, além de entreter, incentiva reflexões profundas sobre o comportamento humano e a importância dos valores democráticos, por meio de traços humanizantes da vida social. Ao abordar temas como poder e liberdade, a obra desperta a

conscientização sobre os direitos fundamentais e a necessidade de resistir a qualquer forma de opressão. De maneira lúdica, *O reizinho mandão* permite que a criança compreenda o valor da liberdade e os perigos dos abusos de poder, estimulando a empatia e o senso de responsabilidade para com o outro e a sociedade.

Em se tratando da análise literária do objeto de estudo, levamos em conta os seguintes traços humanizantes elencados por Candido (2014), que preponderantemente exercem uma função emancipatória na leitura do presente texto literário: o *exercício da reflexão*, a *aquisição do saber*, o *afinamento das emoções*, a *capacidade de penetrar nos problemas da vida*, *senso da beleza*, a *percepção da complexidade do mundo e dos seres*. Ressaltamos que foram esses os traços selecionados, dentre o conjunto elaborado por Candido (2014), portanto não excluimos a ideia de que haja a presença de outros traços humanizantes.

Desse modo, na leitura da obra literária, identificamos a presença desses traços mencionados, em face de um delineamento de temas que compreendemos como pertinentes à própria narrativa, e que são marcadamente acentuados, caso do *poder* e da *liberdade de expressão*. Em seguida, comentamos sobre esses traços humanizantes vinculados ao assunto específico em cada seção criada, de acordo com a nossa interpretação em articulação com os fundamentos teóricos expostos e discutidos anteriormente.

### 3.1 A voz de um mandão que exercita o poder

Na obra *O reizinho mandão*, o poder é representado de forma alegórica por meio da figura de um jovem monarca que, ao ascender ao trono, adota uma postura autoritária e centralizadora. Desde as primeiras páginas, é possível perceber que a narrativa constrói uma crítica simbólica à figura do governante que, movido pelo desejo de controle absoluto, impõe regras arbitrárias e suprime direitos fundamentais, como a liberdade de expressão e a autonomia do outro. Tal representação do poder, embora adaptada ao universo da infância, opera como um espelho das relações autoritárias presentes na sociedade, permitindo ao leitor infantil reconhecer, por meio da ficção, os efeitos perversos do autoritarismo.

A voz do reizinho, portanto, torna-se símbolo de um discurso autoritário, que não admite questionamentos e que, em nome de uma ordem inventada, impõe o caos das relações humanas. O verbo imperativo que domina suas falas – “cale a boca”, “eu mando”, “faça isso” – expressa a tentativa de apagar as subjetividades alheias em favor de uma voz única, soberana e absoluta. A obra, nesse sentido, convida o leitor a refletir sobre a importância da escuta, da empatia e do respeito às diferenças como fundamentos para uma convivência

democrática. A linguagem opressora do reizinho é, na verdade, uma metáfora para todas as formas de discurso que buscam silenciar o contraditório, e o texto literário atua, aqui, como espaço de resistência simbólica e emancipatória.

Assim, esta seção propõe uma análise da voz autoritária do reizinho como um recurso narrativo e simbólico que permite discutir, com os leitores em formação, os limites éticos do exercício do poder. Ao explorar essa temática em um texto voltado ao público infantil, Ruth Rocha contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica desde a infância, mostrando que até mesmo uma figura de autoridade deve ser capaz de ouvir, acolher e aprender com o outro. A literatura, nesse sentido, opera não apenas como reflexo da realidade, mas como agente transformador, capaz de provocar deslocamentos subjetivos e inaugurar novas possibilidades de olhar, sentir e conviver.

A seguir, apresentamos algumas formas humanizantes presentes na obra em questão, iniciando pelo caráter da *percepção da complexidade do mundo e dos seres*. Esta passagem da história evidencia de forma irônica e lúdica a maneira como o personagem principal reduz o mundo à sua própria vontade, rejeitando a pluralidade de perspectivas e a diversidade de modos de ser. Vejamos o trecho:

Precisa ver que reizinho chato que ele ficou! Mandão, teimoso, implicante, xereta!

[...]

A diversão do reizinho era fazer leis e mais leis. E as leis que ele fazia eram as mais absurdas do mundo (Rocha, 2013, p. 10).

O comportamento do reizinho – descrito como mandão, teimoso e arbitrário – é simbólico da recusa à alteridade e à complexidade das relações humanas. Ele enxerga o mundo a partir de uma lógica de controle e simplificação, ignorando os múltiplos sentidos e subjetividades que o cercam. Ao se recusar a considerar a complexidade do reino que governa, ele revela a dimensão antidemocrática do poder centrado no eu. A literatura, ao apresentar essa imagem de maneira simbólica, cria um espaço de reflexão onde o leitor pode reconhecer o perigo da homogeneização das vozes e a necessidade de escutar e compreender o outro como legítimo.

Neste próximo trecho, observa-se com clareza a recusa explícita do reizinho ao dissenso e à mediação coletiva, revelando uma visão empobrecida e unidimensional sobre a estrutura de poder e convivência social.

Os conselheiros do rei ficavam desesperados, tentavam dar conselhos a ele, que afinal é pra isso que os conselheiros existem.

[...]

Mas o reizinho mandão não queria saber de nada. Era só um conselheiro qualquer abrir a boca para dar conselho, e ele ficava vermelhinho de raiva, batia o pé no chão e gritava de maus modos: – Cala a boca! Eu é que sou o rei. Eu é que mando! (Rocha, 2013, p. 12).

Ao rechaçar sistematicamente qualquer conselho, o personagem deslegitima a função do outro como sujeito de pensamento e de contribuição, optando por uma postura centralizadora que exclui o diálogo e a escuta. Essa atitude evidencia uma percepção limitada e imatura da realidade, pois o reizinho interpreta qualquer tentativa de colaboração como afronta à sua autoridade, confundindo escuta com submissão.

O excerto que segue é uma das mais potentes da obra *O reizinho mandão*, pois revela, de forma poética e metafórica, as consequências extremas do silenciamento imposto por um poder autoritário.

As pessoas, então, foram ficando cada vez mais quietas, cada vez mais caladas.

É que todo mundo tinha medo de levar pito do rei.

E, de tanto ficarem caladas, as pessoas foram esquecendo como é que se falava.

Até que chegou um dia em que o reizinho percebeu que ninguém mais no reino sabia falar. Ninguém! (Rocha, 2013, p. 14).

O silêncio das personagens não é apenas literal, mas profundamente simbólico: representa a perda da linguagem como meio de convivência, expressão e resistência. Ao longo da narrativa, o medo de “levar pito do rei” transforma-se em autocensura, e, finalmente, em esquecimento – não apenas da fala, mas da própria condição de sujeito. Esse momento da narrativa exposto evidencia que o excesso de poder gera o esvaziamento da linguagem, do pensamento e do afeto. É justamente essa constatação – feita pelo próprio reizinho – que desencadeia a possibilidade de mudança.

Então, o silêncio torna-se um espelho do fracasso de um modelo de convivência baseado na opressão. E, ao apresentar essa imagem ao leitor infantil, Ruth Rocha estimula o reconhecimento da importância da escuta, da partilha e da diversidade – elementos fundamentais para a construção de um mundo mais humano e plural, que converge ao pensamento de Candido (2002, 2014), Andruetto (2017) e Aguiar (2014).

Nos três trechos apresentados, a literatura traz uma função humanizadora porque nos confronta com os limites da condição humana, escancarando a fragilidade da convivência quando a autoridade se converte em imposição absoluta, como aponta Candido (2002, 2014).

Em se tratando do caráter do *afinamento das emoções* demonstramos o seguinte neste trecho, observamos a transição sensível do personagem central, marcada por um despertar afetivo que sinaliza o início de um processo de transformação interior. Vejamos:

E o reizinho foi percebendo, devagar, o que ele tinha feito com seu povo.  
Aí, deu nele uma coisa no coração, uma tristeza, uma dor na consciência...  
Então ele resolveu dar um jeito na situação, descobrir uma forma de consertar o estrago que tinha feito (Rocha, 2013, p. 18).

O reizinho, antes impermeável ao sofrimento alheio e completamente voltado à imposição de sua vontade, passa a experienciar, ainda que de forma hesitante, um movimento de reconhecimento emocional do outro e de si mesmo. Essa mudança indica a ativação de um mecanismo essencial na formação ética: o afinamento das emoções.

Diferente da obediência ou do arrependimento forçado, o trecho mostra que a mudança ocorre “devagar”, sugerindo um processo gradual de maturação afetiva, que parte da percepção das consequências de seus atos e culmina em um sentimento genuíno de culpa e responsabilidade. O surgimento da “dor na consciência” é indicativo de que o reizinho começa a sair do lugar egocêntrico que ocupava e passa a se perceber como sujeito implicado na dor dos outros. Como destaca Candido (2014), esse tipo de experiência estética, quando promovido pela literatura, é capaz de educar emocionalmente o leitor, ajudando-o a desenvolver sensibilidade moral e afetiva.

Ao evocar a tristeza como algo que “deu nele uma coisa no coração”, a narrativa literária constrói uma ponte entre o sentimento e a ação, revelando que o afeto, longe de ser passividade, é também motor de mudança. Como afirma Andruetto (2017), a literatura tem o poder de aproximar o leitor do mundo afetivo dos personagens, criando uma experiência de identificação que favorece o entendimento das emoções humanas em sua complexidade. O gesto do reizinho, ao buscar “dar um jeito na situação”, não é apenas narrativo, mas simbólico: ele representa a passagem do autoritarismo para a escuta, da imposição para a compreensão, do distanciamento para o envolvimento afetivo.

Nesse contexto, o afinamento das emoções não se limita a um mero sentimentalismo, mas se configura como uma chave para a transformação ética do sujeito – seja ele personagem ou leitor. Ruth Rocha, com delicadeza e profundidade, ensina que sentir é também uma forma

de conhecer, e que a sensibilidade pode ser um caminho legítimo para a reconstrução de vínculos humanos desfeitos pela rigidez do poder.

Sobre o caráter do *senso da beleza* podemos relacionar o seguinte excerto a essa circunstância, como esse momento da narrativa representa um ponto de inflexão simbólica no percurso do personagem principal.

Por isso, quando ele atravessou a fronteira e entrou no reino vizinho, até levou um susto!  
Era um tal de gente cantando, dançando conversando...  
[...]  
E todo mundo vinha conversar com o reizinho [...]  
E ele gostava e ia conversando muito direitinho, sem mandar ninguém calar a boca, nem nada! (Rocha, 2013, p. 20-21).

Ao atravessar a fronteira – metáfora clara para o rompimento com os próprios limites internos e com o regime de silêncio e opressão que havia instaurado – o reizinho se depara com um ambiente vibrante, vivo, pulsante. A imagem de um reino onde se canta, dança e conversa evoca não apenas a liberdade, mas a expressão da beleza em sua forma mais sensível e coletiva: a celebração da vida por meio da convivência, da arte e do diálogo. Esse cenário é profundamente significativo para a ativação do senso da beleza, pois demonstra que a experiência estética não está limitada à arte formal, mas se manifesta também no modo como as pessoas se relacionam, expressam suas emoções e vivem em harmonia com o outro. Como endossa Candido (2002), a literatura e as experiências simbólicas que ela proporciona são instrumentos que afinam a percepção do mundo e da humanidade.

Aqui, o traço humanizante do *exercício da reflexão* pode ser exemplificado com o trecho da narrativa em que o reizinho é confrontado verbalmente com as consequências de suas ações. Constatamos:

– Olha aqui, mocinho. Esse negócio de ser rei não é assim, não! Não é só ir mandando pra cá, ir mandando pra lá. Tem que ter juízo, sabedoria. As coisas que um rei faz fazem acontecer outras coisas. Veja só o seu caso: mandou que mandou! Inventou uma porção de leis bobocas. Mandou todo mundo calar a boca, calar a boca, calar a boca! Decerto, com medo de que todo mundo dissesse que você estava fazendo bobagens.  
[...]  
O reizinho baixou a cabeça desapontado... (Rocha, 2013, p. 24).

A fala direta, firme e pedagógica da personagem que o interpela – possivelmente uma figura adulta ou mais experiente – rompe o ciclo de silêncio e autoridade que ele havia

imposto, criando um espaço simbólico de escuta e, principalmente, de reflexão. Trata-se de um momento de virada na consciência do reizinho, porque ele é levado a encarar, não mais por imposição externa, mas por elaboração interna, o impacto ético de suas decisões. O gesto final ao baixar a cabeça, desapontado, revela o início de uma postura reflexiva que o aproxima de sua própria humanidade.

O exercício da reflexão, como traço humanizador, exige do sujeito a capacidade de recuar, observar e questionar suas próprias condutas – algo que o reizinho começa a fazer neste exato ponto. Como lembra Candido (2014), a literatura pode oferecer experiências simbólicas que nos deslocam de posições fixas, permitindo enxergar o outro, e a nós mesmos, sob uma nova perspectiva. A partir da interpelação que recebe, o reizinho é, finalmente, obrigado a reconhecer que o poder não é um fim em si, mas uma responsabilidade cujos efeitos se estendem muito além da vontade individual.

Essa experiência de ser desafiado pela palavra do outro é também uma das funções mais nobres da literatura, segundo Andruetto (2017), que entende o texto literário como provocador de perguntas, mais do que portador de respostas. O reizinho não é convencido por uma punição ou por uma ameaça, mas por um argumento que o obriga a pensar. Esse diálogo é um convite à elaboração mental e emocional, que se opõe à lógica da ordem e do medo que ele próprio instaurara.

Com o caráter da *aquisição do saber*, o exercício do poder pode ser demonstrado com a passagem narrativa a seguir. Este trecho marca um momento emblemático na construção simbólica do envolvimento à narrativa de *O reizinho mandão*.

– Pois muito bem! – falou o velho. – O que você tem que fazer é sair pelo seu reino batendo de porta em porta. Se conseguir encontrar uma criança, uma só, que ainda saiba falar, ela vai dizer a você o que você precisa ouvir. E nesse dia seu reino vai ficar livre dessa maldição.  
 – Mas o que ela vai dizer? Perguntou o reizinho aflito.  
 – Ah, isso eu não sei – disse o sábio.  
 Mas você não é um sábio? Não sabe de tudo? (Rocha, 2013, p. 25-26).

Ao ser instado a “sair pelo seu reino batendo de porta em porta”, o reizinho é convidado a abandonar a postura de soberania e a assumir o papel de aprendiz. A aquisição do saber, nesse contexto, não se dá por herança, imposição ou verticalidade, mas pela escuta sensível, pela humildade e pela disposição em se expor à diversidade de vozes – sobretudo à da criança, símbolo da verdade, da pureza e da esperança na obra.

Aqui, a figura do velho sábio atua como mediador do conhecimento, não como detentor absoluto de verdades, mas como aquele que reconhece a importância da experiência, da escuta e da jornada individual para a produção do saber. A resposta enigmática do sábio – “Ah, isso eu não sei” – não representa um fracasso da sabedoria, mas, ao contrário, evidencia uma concepção mais sofisticada de conhecimento: aquela que compreende que o saber não é algo que se entrega pronto, mas que se constrói na vivência, no movimento e no encontro com o outro.

O diálogo entre o reizinho e o velho, especialmente quando o menino indaga “Mas você não é um sábio? Não sabe de tudo?”, representa um momento de ruptura com a lógica infantilizada de um conhecimento absoluto e infalível. A resposta do velho remete à concepção de saber como processo inacabado, algo que se dá na busca e que não prescinde da escuta do outro – especialmente daqueles que foram silenciados, como as crianças de seu reino. Assim, o reizinho, ao ser desafiado a buscar uma criança que ainda saiba falar, é confrontado com os efeitos de seu autoritarismo – o silenciamento do saber popular – e, ao mesmo tempo, é convocado a construir uma nova relação com o conhecimento, marcada pela escuta, pela humildade e pelo desejo sincero de aprender.

Dessa forma, a análise dos episódios narrativos em *O reizinho mandão* evidencia como o exercício desmedido do poder, marcado pela imposição autoritária e pelo silenciamento das vozes divergentes, conduz à desumanização das relações e ao empobrecimento da convivência. Ainda que apresentado em tom lúdico, o autoritarismo é representado como um mecanismo de exclusão que compromete a liberdade de expressão (próximo aspecto a ser analisado na seção seguinte), o respeito à diversidade e o equilíbrio nas relações sociais. No entanto, a própria trajetória do protagonista, ao ser confrontado com as consequências de seus atos e ao iniciar um processo de escuta e aprendizado, revela a potência transformadora da literatura infantil em formar leitores críticos, sensíveis e eticamente implicados com o mundo.

### **3.2 Vozes de um povo que ecoa a liberdade de expressão**

A obra *O reizinho mandão* apresenta, de forma simbólica e acessível, ao público infantil a importância da liberdade de expressão como elemento essencial para a convivência social e para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática. Por meio de uma linguagem simples, lúdica e repleta de significados, a autora denuncia os efeitos da censura e da imposição de um discurso único, ao representar um povo que, oprimido por leis

absurdas e autoritárias, perde progressivamente sua voz e, com ela, sua capacidade de interagir, de resistir e de existir em plenitude.

A narrativa também oferece uma possibilidade de reconstrução simbólica desse espaço social e afetivo por meio da escuta, da memória e da palavra recuperada. À medida que os personagens se reconectam com suas vozes e retomam a liberdade de se expressar, a obra evidencia que a linguagem é não apenas um instrumento de comunicação, mas também um meio de reconstrução da dignidade, da autonomia e da cidadania. A palavra, nesse contexto, assume um caráter político e transformador, sendo elemento central na reorganização do tecido social e na superação do trauma imposto pelo autoritarismo.

Nesta seção, busca-se analisar como a recuperação do discurso coletivo e a escuta mútua ganham protagonismo na história, revelando que a liberdade de expressão, em forma de diálogo, é tida como uma troca simbólica e uma livre manifestação de ideias, que são fundamentos indispensáveis para a humanização dos sujeitos e para o exercício consciente da cidadania desde a infância, rumo a uma função emancipatória.

Para atender o aspecto da liberdade de expressão, o *afinamento das emoções* pode ser confirmado quando o conflito entre o poder opressor e a expressão individual atinge um ponto de clímax dramático e simbólico, no qual o traço humanizador do afinamento das emoções se manifesta com intensidade tanto na figura do reizinho quanto na da menininha, ainda que de formas profundamente contrastantes. Examinemos o seguinte trecho:

Mas o reizinho, que estava muito desconfiado, ficou vermelhinho de raiva e se desmascarou:  
 – Olhe aqui, minha filha! Eu sou o rei, sabia? Trate de dizer alguma coisa já, já!  
 A menininha não disse nada, mas o papagaio, ouvindo a voz antiga do reizinho, arrepiou-se todo e gritou: – Cala a boca! [...]  
 Quando o papagaio disse isso, precisava ver a cara da menininha, [...] e gritou, com toda a força:  
 – Cala a boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu! (Rocha, 2013, p. 33-34).

O reizinho, tomado pela desconfiança e raiva, revela o resquício de sua postura autoritária, expressando em sua fala e em sua linguagem corporal – como se observa no trecho “vermelhinho de raiva” – a dificuldade de lidar com a perda de controle sobre os outros. A explosão emocional desmedida e impulsiva evidencia que, apesar de ter sido exposto às consequências de suas ações, ele ainda encontra obstáculos internos para reconhecer e transformar seus afetos. Trata-se de um retrato verossímil do processo de

amadurecimento emocional: não linear, nem imediato, mas repleto de regressões, tensões e resistências.

O reizinho ainda é prisioneiro do medo de ser contestado, e sua tentativa de impor a fala à menininha é a reprodução de um gesto antigo: calar antes de ser contrariado. Sua dificuldade em reconhecer a legitimidade da voz do outro é também a dificuldade em nomear seus próprios afetos de forma consciente. Ele sente, mas ainda não sabe o que sente, nem por quê – e, por isso, reage com raiva.

Em contraponto direto a essa postura desorganizada, emerge a figura da menininha como símbolo de força emocional, resistência e autoafirmação. Impulsionada pelo grito do papagaio – que atua como um catalisador da memória coletiva e da opressão vivida –, ela não apenas sente, mas transforma o sentimento em palavra e em gesto político. Ao afirmar “Quem manda na minha boca sou eu!”, a personagem não apenas se opõe ao reizinho, mas inaugura um novo paradigma: aquele em que a emoção é reconhecida, nomeada e utilizada como ferramenta de libertação e construção identitária. Aqui, o afinamento das emoções manifesta-se como uma potência ativa e consciente, revelando que o domínio de si e o enfrentamento do outro se fazem com coragem, discernimento e autenticidade.

Trata-se de um momento de grande força simbólica, em que a literatura infantil rompe com a ideia de passividade da criança e a posiciona como sujeito de ação, sensível ao mundo e capaz de transformá-lo. O grito da menininha torna-se, assim, um ato de denúncia e de reconquista emocional, que inspira o leitor a compreender que o sentir também é uma forma de resistência.

Neste próximo trecho, o leitor se depara com uma nova camada de complexidade emocional do reizinho, que também recai sobre o caráter do afinamento das emoções: o desconcerto diante da liberdade alheia: “O reizinho foi ficando assustado, amedrontado, perturbado com todo aquele barulho, com toda aquela alegria” (Rocha, 2013, p. 36). Curiosamente, não é a hostilidade que o perturba, mas a alegria coletiva, o som da vida que pulsa de forma autônoma e vibrante ao seu redor. Essa reação de medo e perturbação frente à celebração e à espontaneidade revela que o personagem ainda está emocionalmente preso ao modelo de controle e silêncio que ele mesmo instituiu. O barulho, que simboliza a diversidade de vozes e afetos, contrasta radicalmente com o universo abafado de sua experiência anterior como monarca absoluto. Essa reação emocional desajustada é um ponto-chave no processo de afinamento das emoções.

Portanto, Ruth Rocha, com delicadeza, precisão e progressão narrativa, oferece ao leitor infantil uma forma poderosa de reconhecimento da própria limitação afetiva e sobre

como o contato com a coletividade pode ser o gatilho para o amadurecimento emocional e ético.

Seguindo os episódios mais pertinentes da narrativa à ideia que pretendemos construir, trazemos o caráter da *capacidade de penetrar nos problemas da vida* que pode ser marcado pelo trecho em que o clímax simbólico da reconfiguração do espaço narrativo e social do reino é evidenciado pelo retorno das vozes ao ambiente antes silenciado pelo autoritarismo: “Eram vozes e mais vozes, que vinham de todos os lados, de perto e de longe. Fortes e fracas, de homens, de mulheres e de crianças” (Rocha, 2013, 35-36). Mais do que apenas uma recuperação da linguagem, o trecho expressa o reconhecimento da diversidade e da complexidade humana, aspecto essencial da capacidade de penetrar nos problemas da vida, tal como compreendido por Candido (2014). Ao destacarmos que as vozes são “fortes e fracas”, “de homens, de mulheres e de crianças”, Ruth Rocha apresenta um universo heterogêneo, que exige sensibilidade, escuta e discernimento para ser compreendido – ou seja, exige empatia crítica diante das diferentes realidades.

Neste momento da narrativa, o reizinho (e, junto com ele, o leitor) é confrontado não apenas com o retorno da fala, mas com a pluralidade de experiências que ela carrega. Cada voz representa uma subjetividade, uma história, um modo de ver o mundo. Penetrar nos problemas da vida, portanto, significa aqui reconhecer que não há uma única perspectiva sobre o sofrimento, a resistência ou a liberdade – há múltiplas vozes, cada uma com sua força, sua fragilidade, sua legitimidade. A literatura, como aponta Andruetto (2017), não resolve os conflitos da vida, mas nos ajuda a habitá-los de forma mais consciente e profunda, abrindo espaço para escutar aquilo que geralmente é abafado ou ignorado.

A força do fragmento citado também está no modo como ele subverte a lógica do silêncio anterior: o que era ausência de fala transforma-se em um coro coletivo, vibrante e incontornável. O reizinho, ao ser envolvido por essas vozes, já não pode mais ignorar os efeitos de seu governo – ele está, simbolicamente, imerso nos problemas que causou. Esse envolvimento marca o início de sua responsabilidade afetiva e cognitiva diante da dor coletiva que produziu. A capacidade de penetrar nos problemas da vida exige, portanto, mais do que inteligência racional, requer escuta sensível, humildade e disponibilidade para o outro. Ruth Rocha não apenas denuncia os efeitos do autoritarismo, mas também convoca o leitor a reconhecer a importância da multiplicidade de narrativas que compõem a vida em sociedade.

Por fim, o cultivo da liberdade de expressão necessita ser embasada também pelo traço humanizante do *senso da beleza*, como demonstramos rumo ao desfecho da narrativa: “Eram canções de roda, de amor, de brincadeira... E música de banda, de fanfarras e de orquestras!”

(Rocha, 2013, p. 36). Este trecho da narrativa representa um momento de plenitude estética e simbólica que extrapola o plano narrativo e alcança diretamente o leitor com um trecho que menciona o contexto sonoro e sensível de celebração coletiva. As diferentes manifestações musicais – da infância (“canções de roda”), do afeto (“de amor”), do lúdico (“de brincadeira”) e da coletividade organizada (“banda, fanfarras e orquestras”) – compõem uma paisagem de beleza plural, acessível e compartilhada.

Assim, trata-se de uma manifestação do senso da beleza como experiência coletiva e humanizadora, que atua não apenas como ornamento narrativo, mas como expressão da harmonia restaurada após o colapso autoritário, que reflete o mundo no plano narrativo e, ao mesmo tempo, provoca o leitor a voltar-se para a vida social aplicando uma reflexão que atua na sua formação, gerando uma emancipação do ser humano, como defende Candido (2002).

Ruth Rocha convida o leitor a reconhecer que há beleza no simples e no cotidiano, nas canções populares, nas brincadeiras infantis, nas festas de rua, nos ritos coletivos que constroem memória e pertencimento. Essa beleza não está idealizada, mas está viva, pulsante e integrada à experiência da liberdade e da escuta. Sendo assim, o episódio musical, presente nessa passagem, não está associado apenas ao prazer estético, mas à recuperação simbólica da liberdade, da convivência e da diversidade. Esse momento de reconexão com a beleza marca o encerramento simbólico do ciclo de opressão e a inauguração de uma nova sensibilidade: a sensibilidade que vê beleza na convivência, na partilha, no afeto e no brincar.

Em síntese, a análise da obra *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, revela um percurso simbólico e formativo que vai da imposição autoritária à escuta democrática, do silêncio coletivo à pluralidade de vozes que ecoam liberdade, afeto e consciência crítica.

Ao apresentarmos os aspectos temáticos que compreendemos como pertinentes à própria narrativa, o *poder* e a *liberdade de expressão*, podemos concluir que a escritora Ruth Rocha articula o refletir, o saber, a empatia, o sentir, o agir e o dizer, verbos que correspondem aos traços humanizantes, como atos simultaneamente sociais, afetivos, éticos e políticos, conduzindo o leitor infantil por uma experiência estética capaz de provocar deslocamentos internos e formar sujeitos mais conscientes de suas realidades e mais preparados para vivê-las.

Ruth Rocha convida os leitores a compreenderem, desde cedo, que a convivência ética e o respeito ao outro só são possíveis quando a voz de todos pode circular com liberdade e com o uso responsável do poder. Dessa forma, a obra insere-se no conjunto de produção da literatura infantil com uma função emancipatória, contribuindo para a formação de sujeitos mais sensíveis, conscientes e socialmente engajados. Nesse processo, o leitor infantil é

convidado a sair do papel de espectador e assumir-se como sujeito reflexivo, capaz de identificar, questionar e propor novas formas de estar no mundo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacarmos que a obra *O reizinho mandão* também pode funcionar como um poderoso instrumento de incentivo à leitura, pois sua linguagem é clara, com personagens marcantes e enredo envolvente que despertam o interesse dos pequenos leitores, tornando a experiência de leitura não apenas prazerosa, mas também formativa e emancipatória. O contato com obras literárias como esta estimula a imaginação, o senso crítico e a sensibilidade, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento do hábito da leitura e da formação do leitor literário.

Ruth Rocha oferece aos leitores infantis uma forma narrativa acessível sobre as consequências da centralização do poder, da censura e da ausência de diálogo, bem como sobre o potencial emancipador da escuta e da palavra compartilhada. É possível observar como a autora promove, ao longo da obra, o desenvolvimento de diversos traços humanizadores, como o *exercício da reflexão*, a *aquisição do saber*, o *afinamento das emoções*, a *capacidade de penetrar nos problemas da vida*, *senso da beleza* e a *percepção da complexidade do mundo e dos seres*, todos articulados à dimensão da linguagem, da convivência e da justiça simbólica. Cada episódio narrativo contribui para a desconstrução de uma lógica autoritária e para a emergência de uma consciência crítica que valoriza o outro como sujeito de direitos e de voz. Nesse processo, a literatura configura-se como uma possibilidade artística em que as crianças compreendem que a autoridade sem escuta gera isolamento, e que a liderança se constrói pelo respeito mútuo e diálogo constante.

Assim, o redescobrimento do exercício do poder, do diálogo, da liberdade de expressão, bem como da valorização das diferenças, evidencia que a literatura infantil, quando pensada sob uma perspectiva emancipatória, pode ser um espaço privilegiado de formação subjetiva e cidadã para o sujeito sócio-histórico. Ao possibilitar o encontro com narrativas que tratam, ainda que metaforicamente, de opressões, resistências e transformações, o texto literário oferece à criança subsídios simbólicos para refletir sobre o mundo real e posicionar-se criticamente diante dele. Assim, a obra infantil de Ruth Rocha reafirma o potencial da literatura como prática humanizadora, capaz de contribuir de modo significativo para a construção de sujeitos mais preparados para agir com responsabilidade ética e social na complexidade do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária: da teoria à prática social. *In*: LIMA, Aldo de (Org.). **O direito à literatura**. 2. ed. Recife: Ed. Universitária, 2014. p. 141-160.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In*: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 77-92. (Coleção Espírito Crítico).

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: LIMA, Aldo de (org.). **O direito à literatura**. 2. ed. Recife: Ed. Universitária, 2014. p. 17-40.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

DAIBELLO, Cláudia de Oliveira. **Ruth Rocha**: produção, projetos gráficos e mercado editorial. 2013. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/alle/teses\\_dissert\\_tcc/arquivos/Dissertacao\\_%20Claudia%20de%20Oliveira%20Daibello.pdf](https://www.fe.unicamp.br/alle/teses_dissert_tcc/arquivos/Dissertacao_%20Claudia%20de%20Oliveira%20Daibello.pdf). Acesso em: 8 out. 2024.

LAJOLO, Marisa. Apresentação. Pra começo de conversa/ Final. Continuando a conversa. *In*: LAJOLO, Marisa; BUENO, Lenice (orgs.). **Antologia Ruth Rocha**. São Paulo: Moderna, 2019.

MIGUEL, Maria Aparecida de Fátima. **Ruth Rocha, página a página**: bibliografia de e sobre a autora. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, SP, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1c5fb572-1159-41d6-bcd5-ac02792b854e/content>. Acesso em: 8 out. 2024.

ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. Ser criança no horizonte humanizador da literatura infantil: imaginários ilustrados de esperança. **Revista Humana Res**, vol. 5, n. 7, p. 132-156, jan. a ago., 2023. DOI 10.29327/2151838.5.7-8. Disponível em: <https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/161/100>. Acesso em: 8 out. 2024.

ROCHA, Ruth. **O rezinho mandão**. 27. ed. São Paulo: Salamandra, 2013.

SILVA, Maria dos Remédios; ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. Fantasia, formação e emancipação na literatura para crianças: breves considerações teóricas em foco. *In*: MESQUITA NETO, José Rodrigues de; SOUZA, Ana Paula Santos de (orgs.). **Letras em foco**: estudos linguísticos e literários. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2020. p. 209-228.